

TRINHA Livre

5
NOVEMBRO
1972

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR-TELEF. 62113 - AMARES

A nossa causa e os imperialismos ávidos de — expansão —

«O Senhor Almirante Américo Tomaz tem sido a expansão da unidade que preconizo, o símbolo da determinação que nos anima. Os leitores constitucionais, ao votarem no seu nome, afirmarão que o País continua ao redor dos seus governantes e que não vacila no caminho a seguir em defesa da integridade da Pátria e do futuro pacificador das províncias do Ultramar Português» — assim concluiu o Prof. Dr. Marcello Caetano recente a sua «conversa em família».

Hemos de atentar nas expressões aplicadas nestes dois períodos incisivos e ricos de substância: *Unidade, determinação, defesa da integridade, futuro pacífico do Ultramar*. Qualquer dos termos encerra uma força em expansão já comprovada. No seu conjunto, apresentam-nos um pensamento que, executado com «espírito novo», permitiu a publicação da nova Lei Orgânica do Ultramar — dando corpo às superiores intenções da reforma constitucional — para acelerar quanto possível a construção da sociedade multiracial por que nos batemos».

Sem a mínima ambiguidade, os postulados-guias, seguindo uma linha que, para governantes e governados, aquém e além-mar, alicerçam princípios invioláveis, tradicionais até, ficarem expostos. Vê-se, sem dificuldade, a séria razão (de alto interesse nacional) que levou a um novo e grande sacrifício do Senhor Almirante Américo Thomaz, e distingue-se, na síntese formulada, todo um mundo de imperativos gratos à consciência do povo português!

Mas, ao mesmo tempo, reparemos como o Chefe do Governo fez anteceder esses períodos concludentes de considerações e declarações extremamente importantes — «históricas», na classificação de um observador estrangeiro. A África — explicou ele e sabem-no todos os peritos de estratégia actualizados — está sob os olhos frios de forças ávidas de poderio e de expansionismo imperia-

lista, para as quais nada contam os interesses vitais das populações simples e pacíficas, por demais atormentadas e cruelmente ludibriadas. No que nos diz respeito — e às nossas gentes — já se tornou insofismável que «a Guiné, base de assalto a Cabo Verde; Angola com a sua longa costa e os seus preciosos portos no Atlântico Sul, face ao Brasil; Moçambique com os melhores portos da costa oriental africana sobre o Oceano Índico, são posições estratégicas de primeira ordem que as superpotências se apressaram a cobiçar».

Perigo imenso, por conseguinte. Ameaça cada vez mais descortinável, até por

quem sofra de miopia do entendimento. Aliás, nem os empenhados nessas ambições escondem os seus verdadeiros propósitos, de especular com anacrónicos racismos e ao estimularem sangrentos tribalismos fraticidas entre os africanos. Que fazemos, pois, em prol dos nossos povos e das nossas terras!

Cindirmo-nos, segundo impulsividades individualistas ou de grupo (o «banditismo auto-destruidor» de que falou Unamuno...)? «Negociar» — como insinuam treds e utopistas, sem verem (ou não quererem ver...) que isso constituiria traição

(Continua na 4.ª página)

Gomes da Costa: «Forte interesse em Angola e Moçambique pelo estreitamento de relações comerciais com o Brasil»

«Volto empolgado pelo trabalho que os portugueses estão a realizar na África» — declara, em entrevista publicada no semanário «Mundo Português», do Rio de Janeiro, o presidente da Federação das Associações Portuguesas e Luso-Brasileiras, dr. Gomes da Costa, acerca da sua recente visita a Angola e a Moçambique. E acrescenta:

«Causa-nos verdadeiro assombro, mesmo quando vamos preparados com uma série de elementos e de indicadores, verificar de perto o surto de progresso que Moçambique e Angola atravessam. Em todas as áreas se observa uma euforia de crescimento.»

Reportando-se especialmente ao desenvolvimento económico, e focando, como exemplos, a construção da barragem de Cabora Bassa em Moçambique e o plano de aproveitamento do Rio Cunene, em Angola, o dr. Gomes da Costa sublinha: «Os investimentos que se estão a fazer em grande escala tanto num como noutro Estado, tendem a imprimir um ritmo de crescimento ainda maior às duas economias e a fortalecer de modo espectacular as suas estruturas».

As possibilidades do Brasil nos mercados ultramarinos portugueses

— Depois desta visita, como vê as possibilidades do Brasil entrar nos mercados ultramarinos portugueses? — perguntou o jornalista.

Resposta do presidente da Federação das Associações portuguesas e luso-brasileiras:

«Existe, tanto em Angola como em Moçambique, um interesse natural pelas ligações com o Brasil, sobretudo no campo económico. Eles estão muito atentos a determinadas

«Continua na 4.ª página»

CESÁRIO VERDE POETA MODERNO

O nome de Cesário Verde simboliza uma expressão de juventude, de renascimento ou até de audácia na imperturbável serenidade da poesia da segunda metade do nosso século XIX. Eis um poeta que se deixou seduzir pelo inefável encanto da liberdade de temas líricos, arrostando com a implacável reprovação daqueles censores austeros que possuíam da Arte Poética um conceito rígido de nobres e venerandas tradições.

O Dr. Vitorino Nemésio, crítico autorizado em matéria literária escreveu:

«No quadro colorido, prosaico e cru da poesia de Cesário, em que os objectivos são recortados com vigor e com uma espécie de técnico virtuosismo — utensílios, ferramentas, frutas, animais, indumentária — paira uma penumbra vaga, ritmo do sangue de alguém que se não desmancha nunca, uma calma imposta, contida, cujo dolo-

roso preço se vai por assim dizer amodando em sílabas e acentos milagrosos. Cesário trata o concreto como quem leva consigo a medida do essencial e do poético e só pede às coisas verdade e forma autêntica. O seu lirismo é casto sem a hipocrisia que esconde o gosto da nudez e da força.

O estilo de Cesário simplifica o baudelairismo de que literariamente deriva. O seu esforço de concretização e de desprendimento das convenções líricas e clássicas atinge o máximo limite. Mas o prosaísmo consciente de que é feito acaba por salvar-se à força de ritmos ousados, de imagens directas, de pureza vocabular, e enfim de um surto poético em que se fundem elegia e bucólica, graça e força, alegria vital, elegância civilizada e sonho genuíno.»

Natural de Lisboa, Cesário Verde nasceu num ambiente familiar em que se respirava conforto, desafogo material e absoluta tranquilidade de espírito. Nasceu o poeta em 1855 e afinal viveu apenas pouco mais de trinta anos, finando-se tuberculoso, a 18 de Julho de 1886.

A sua ânsia de gozar a vida que tanto amava, levou-o a procurar no campo um alívio para os seus males. A amável frescura e os ares saudáveis de Linda-a-Pastora, povoação arrabalдина, acolheram-no por bastante tempo. Ali, numa farta quinta, propriedade de seus pais, teve a ilusão breve da sua cura. Esta, porém, cada vez afastava mais e o poeta, aos poucos, num trágico presentimento, fundia nos seus admiráveis versos, a mágoa, muito discreta, da sua impotência perante o Destino.

Há longos anos que morreu Cesário. Mas o calor espiritual da sua presença não mais se extinguiu.

Ele foi o mensageiro dos novos ritmos, das novas imagens, das novas emoções da moderna poesia. É um poeta que ultrapassou o seu tempo que, em boa verdade, anulou as fronteiras convencionais do lirismo; é um poeta de permanente actualidade e entendimento.

Rocha Casal

EM CONTACTO DIRECTO COM OS TRABALHADORES PORTUGUESES NA ALEMANHA FEDERAL O SECRETÁRIO NACIONAL DA IMIGRAÇÃO

Para uma série de visitas e de reuniões com entidades alemãs e com núcleos de trabalhadores portugueses encontra-se na República Federal Alemã, nomeadamente na Vestfália-Norte, o secretário nacional português da Emigração, dr. Sáraga Leal.

Nos dois primeiros dias da sua visita esteve o dr. Sáraga Leal em Wiekede-Ruhr, em Vosswinkel e em Meschede, onde funcionam escolas portuguesas, avistando-se com as respectivas professoras e com as autoridades escolares alemãs, bem assim em fábricas onde se empregam trabalhadores portugueses.

Ontem, em Neheim Husten em Wetter e em Hagan, o secretário nacional da Emigração presidiu a reuniões com emigrantes portugueses que ali trabalham, reuniões essas nas quais, segundo um informador, foram detidamente analisados assuntos de ordem socio-económica e de promoção cultural.

NOTÍCIAS DE MOÇAMBIQUE QUADRAS

Cenas do quotidiano

Contaram-nos um caso que vamos transcrever aqui. Uma noite, deviam ser umas vinte e três horas, aproximadamente, encontrando-se um grupo de sete cavalheiros numa pastelaria de Lourenço Marques, os empregados da mesma começaram a fazer a limpeza do recinto, a pôr cadeiras sobre mesas, a aspergir água a torto e a direito e quando iniciaram a «dança» das vassouras, estas começaram a roçar o calçado dos clientes num sem-cerimónia desconcertante.

A operação de limpeza estaria certa naquele momento, se se atendesse à hora, isto é, se a referida casa fechasse às vinte e três horas; mas segundo nos disse o interlocutor, aquele estabelecimento só encerra às 24 horas. De qualquer maneira, o que nos parece indesculpável é as vassouras virem sacudir também os pés dos circunstantes.

O cavalheiro que nos referiu este caso, fez menção de protestar, mas os camaradas aconselharam resignadamente a retirada, talvez por alguns já conhecerem a dona, meio

oculta por trás da caixa-registadora, talvez para se evitar discussões.

Mas, com discussões ou sem elas, é que não está certo que o pessoal da limpeza, a uma determinada hora, se lembre (diplomáticamente?) de correr com os clientes. Porque vejamos: Se qualquer casa de negócio (bares, cafés, pastelarias) encerrar, por exemplo, às 24 horas, devia ser a essa hora que iniciasse a limpeza — e nunca antes, só porque pessoal e proprietário já estão com sono. Estes casos verificam-se muito cá por Lourenço Marques.

C.

Fui buscar água à fonte,
A bilha deixou lá a asa...
Quem conhecer os rapazes
Com certeza não se casa.

Para quê guardar decoreas
A quem tanto me falseia?
Os rapazes e os tamancos
O anear os amanseia.

Não há rio como o Douro,
Serra como a do Marão,
Falas como as do amor
Quando vêm do coração.

Raparigas são de estalo...
Cala-te lá gabarrista.
Como queres tu ser galo,
Se ainda te falta a crista?

I Semana Internacional de Prevenção no Ultramar

Na primeira semana de Agosto de 1973, em Lourenço Marques, o Centro de Prevenção e Segurança de Lisboa e o Centro de Prevenção e Segurança de Moçambique, organizam a I Semana Internacional de Prevenção e Segurança de Moçambique durante a qual serão debatidos problemas subordinados aos temas de «Segurança e medicina do trabalho», «Prevenção e combate a incêndios» e «Prevenção de perdas por sinistros marítimos».

Simultaneamente realizar-se-ão conferências proferidas por especialistas nacionais e estrangeiros e uma exposição de material de prevenção e combate a incêndios, além dum apresentação de cartazes relacionados com os temas em discussão.

ANEDOTAS

Diz o Zézinho ao papá:

— Ó papá, o livro de História Natural, diz que os animais mudam de pele, todos os anos.

Resposta do pai:

— Cala-te rapaz! Se a tua mãe ouve, quer um casaco novo, este inverno.

* * *

N U M B A R

— Cá há retrete?

— Não, meu senhor, respondeu o criado, há só café, aguardente e conhaque.

Telefones para serviços

DF — URGÊNCIA



Casa de Saúde de Amares	62122
Farmácia Pinheiro Manso	62127
Guarda Nacional Republicana	62115
Farmácia Marques Rêgo	62121
Doutor duardo Gonçalves (Médico)	62145
Doutor José Fernandes Médico Amares	62122
Doutor João de Sousa Fernandes (Médico B. S.Mta.)	62163
Bombeiros Voluntários de Amares	62162

CALAFRIO

Continuado do número anterior)

importante que no presente caso! Seja como for, a carta que eu pus em cima da mesa ontem,» prossegui, «pequenos benefícios lhe proporcionará — continha apenas um simples pedido ao tio para se encontrar comigo —, pois ele já deve estar envergonhado por ter ido tão pouco colher. O que ele pretendia enfim na noite passada era precisamente a necessidade de confessar.»

Naquele momento, aos meus próprios olhos, parecia-me ter dominado o caso, ver tudo claro.

«Vá-se, vá-se embora» Eu estava já junto à porta, apressando-a a partir. «Vou arrancar-lhe tudo. Ele virá ter comigo, confessará. Se confessar, estará salvo. E se ele estiver salvo...

— Estará a Miss também?»

Nesta altura a pobre senhora beijou-me e eu desjei-lhe boa viagem.

«Salvá-la-ei sem ele!» exclamou ela ao partir.

CAPÍTULO XXII

FOI, no entanto, após ela ter partido — e imediatamente lhe senti a falta — que o momento difícil chegou. Se era certo já esperar por isso, logo que me visse sôzinha com Miles, a verdade é que rapidamente percebi, pelo menos, com o que podia contar. Durante toda a minha permanência ali não houve de facto para mim momento de maior apreensão que aquele em que eu, tendo descido a escada, fui informada de que a carruagem que levava Mrs. Grose e a minha pupila já tinha saído o portão. Pensei para comigo: eis-me frente com os elementos, e diversas vezes, durante o resto do dia, quando em luta com a minha fraqueza, pude considerar ter sido supremamente temerária. O momento era o mais difícil de quantos tinha até aí vivido; tanto mais que, pela primeira vez, pude ver no aspecto dos outros um confuso reflexo da crise. O que havia acontecido era surpresa para todos; poucas explicações haveria, como quer que quiséssemos explicar o facto, para a súbita saída da minha colega. Criadas e criados mostravam-se admirados, o que me provocou uma irritação de

nervos até ao momento em que me vi na necessidade de aproveitar essa circunstância como auxílio. Numa palavra: foi exactamente por ter deitado as mãos ao leme que evitei um naufrágio completo; e é provável que, para conservar toda a minha temeridade, me tenha tornado, nessa manhã, grandiosa e seca. Foi para mim uma redenção a consciência de estar sobrecarregada de trabalho e tratei de fazer com que fosse conhecido também estar resolvida, visto ser a responsável, a ser firme. Por isso me puz a passear, nas duas horas seguintes, por toda a parte e com o aspecto, disso não me restam dúvidas, de estar pronta para qualquer ataque. Eis porque, para que isso aproveitasse a quem era devido, me apresentei altiva mas de coração alanceado.

Quem parecia menos preocupado com isto pareceu-me ser, até ao jantar, o menino Miles. As minhas deambulações não me haviam, entretanto, mostrado o rasto dele, embora tivessem servido para tornar mais pública a mudança das nossas relações em consequência de ele me ter tido entretida, enganada e grosseiramente iludida, sentando-se ao piano para encobrir Flora. O facto tinha sido preparado, é claro, em virtude da detenção dela e da sua partida e a própria mudança havida estava agora patente na nossa não observância do habitual horário da sala de estudo. Miles já havia desaparecido quando eu, ao descer, lhe abri a porta do quarto e soube, em baixo, que ele já tinha almoçado — na presença de duas criadas — com Mrs. Grose e a irmã. Depois, saíra dizendo que ia dar um giro; de mim para mim pensei que nada poderia exprimir melhor do que isto a sua franca maneira de encarar a abrupta mudança na minha situação. Estava ainda para ver em que medida ele me permitiria que eu exercesse o meu mister; há um estranho alívio, em todo caso — especialmente para mim, quero dizer — em toda a renúncia a qualquer pretensão. Se tanta coisa viera à superfície, não darei grande novidade afirmando que o que mais distintamente afluíra fora o absurdo e prolongar por mais tempo a ficção de que eu teria alguma coisa mais a ensinar-lhe. Graças a pequenas fraudes, em que Miles, mesmo mais do que eu própria, punha em prática cautelas que não ferissem a minha dignidade, ficou claramente assente que eu teria de apelar para ele para não me obrigar a fazer o esforço de subir ao próprio terreno das suas capacidades. Como quer que fosse, agora ele era senhor da sua própria liberdade; eu nunca mais teria nada a ver com ele; e foi isto que claramente mostrei, aliás, quando, na noite anterior, tendo ele vindo ter comigo, não lhe fiz qualquer ameaça nem qualquer insinuação a respeito do que acabava de se passar. Sentia-me demasiado preocupada com as minhas próprias ideias. Quando ele, por fim, chegou, no entanto, a dificuldade de as pôr em prática,

(Continua no próximo número)

TRIBUNA do CONCELHO

Notícias do Concelho

Fomento e Riquesa

Está a preparar-se um plano de fomento que resolverá definitivamente as carências das terras nortenhas. O Doutor Mota Campos não deixará em apartamentos o que é preciso fazer para creditar Portugal como Jardim da Europa plantado á beira-marmas com as costas viradas para a querida Espanha. Nós à Espanha não viramos as costas. Lá está o Generalíssimo Franco e cá está o Almirante Américo Tomás a vigiarem os destinos Peninsulares, nada insalubres em política que faça estremecer os sólidos alicerces levantados por Salazar.

Portugal é hoje uma sala de visitas dos filhos que trabalham no estrangeiro dispostos a colaborar no extermínio dos problemas que existem para a sua fixação, quando amadurecidos pelo tempo, venham ao aprisco ver as «ovelhas» do seu rebanho.

Todos sabemos que há deficiências que não podem ser suportados por quem encontrou nas terras para onde foi levado pela necessidade, aquilo que desejam encontrar onde nasceram. Esse plano de fomento nasceu dessa necessidade e também da igualdade de direitos do português da província que tem, em toda a parte, mostrado a força indomável da raça Lusitana.

A propósito de igualdades vemos que Carracedo foi publicamente iluminada na sua parte mais importante deixando descontentes alguns habitantes não abrangidos pelo benefício.

Isto aconteceu por carência de meios para dar satisfação à vontade da Câmara Municipal.

Falta também um lavadouro público e um caminho para o lugar de Barrimau pois é esse carreiro actual que dá escoamento ao populoso lugar para a Igreja Paroquial e, à noite, para aqueles que desejem divertir-se e instruírem-se, no café da Casa Vinhas, na Televisão para todos os paladares, como os frangos confecionados pelo proprietário. Esperemos o fomento do plano e até lá Stop.

A Ponte de Ancêde - Navarra

Toda a gente de Navarra-Braga brada contra a falta de uma ponte que ponha a terra em comunicação com Amares e com o seu mercado semanal. Quem até agora não bradou foram as autoridades locais. Essas estão satisfeitas! Essas autoridades,

que são a Junta de Freguesia, a Acção N. Popular e até o pároco, tem receio de pedir e medo ao movimento automobilístico. O povo de Navarra sem a colaboração dessas autoridades pode perder a esperança de ver a sua terra servida com a mola real do seu desenvolvimento. Os jornais trazem colunas cheias de reclamações de toda a parte de Portugal. Os jornalistas e correspondentes contam as lamúrias do povo que habita essas terras desfalçadas e creio eu, que não é com esse «folclóre» que se consegue despertar a alma dos responsáveis. Quando leio, em prosa esse verso explosivo, lembro-me de Navarra. Em toda a parte as autoridades consentem que os estranhos ponham em leilão a sua inércia. Se as autoridades fizerem os seus pedidos e não foram atendidos, ou não tem razão ou a falta de dinheiro é o motivo de não poderem ser atendidos com a brevidade exigida pela necessidade. Uma reclamação antecipada do pedido directo ao Ministro, deve molestar o homem responsável por esses serviços. Temos defendido o progresso de Navarra dando-lhe a ponte mas é o mesmo que dizer que anda o carro adiante dos bois. Neste caso esperamos que um dia as eleições se façam para Juntas de Freguesia, a de Navarra actual entregue o mandato a quem goste do progresso e de uma carreira diária que atravesse esse bêco sem saída.

Simpósio Nacional de P. e Vendas

Entre as várias surpresas das revelações do conjunto, tivemos as das qualidades do membro Sr. Dr. Pereira da Silva, de quem muito esperamos além do que sabemos do distinto causídico Portuense agora grande proprietário de latifúndios em Amares que vão ser salvos do abandono com a criação da Cooperativa debaixo da sua sábia orientação.

Depende da honestidade e boa orientação o sucesso dos organismos em quem confiamos e para os quais o Estado tem prestado todo o auxílio material contando também com o auxílio dos dirigentes.

— Por —

Elísio Gonçalves

Carracedo

Amares

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

Amanhã, dia 5, passa o aniversário natalício da Sra. D. Estela Arantes Meneses.

No dia 6 o nosso assinante sr. João de Jesus da Silva Pereira, comerciante em Sá da Bandeira-Angola — e natural de Crespos.

No dia 8 o sr. António Azevedo Sá Coutinho Russell e o menino Lino Fernandes Pereira do Lago, filho do nosso assinante sr. António Pereira do Lago e de sua esposa sra. D. Helena Correia Fernandes.

No dia 9 a sra. Lídia Ferreira Ferradais.

«Tribuna Livre» deseja a todos os aniversariantes que passem um dia feliz e que esta data se repita por muitos anos.



Tribunal Judicial da Comarca

— DE —

AMARES

ANÚNCIO

Faz-se público que foi proferida sentença declarando a morte presumida de MANUEL JOSÉ SOARES, viúvo, filho de Manuel Soares e de Ermelinda Rosa Rodrigues, natural da freguesia de Bico e com última residência conhecida no lugar de Olheiros, freguesia de Rendufe, ambos desta comarca, nos autos de justificação de ausência com declaração de morte presumida, em que são requerentes Frederico Lopes Soares e mulher Maria Alice Rodrigues, proprietários, do referido lugar de Olheiros.

Amares, 6 de Outubro de 1972

O Juiz de Direito

Alfredo Jaime Menêres

O Escrivão,

Guilherme José da Silva

Leia

Propague e assine

«Tribuna Livre»

BARREIROS

SALVÉ 8-11-72

Acácio Dias de Magalhães

É na próxima quarta-feira, dia 8, que passa o aniversário natalício do grande Barreirense Snr. Acácio Dias de Magalhães, presentemente ausente no Canadá, onde se encontra junto de seus irmãos Srs. Manuel e Avelino Dias de Magalhães.



Pessoas muito estimadas no nosso meio, eles vivem permanentemente os problemas da sua querida terra e a ela se associam em todas as necessidades não regateando substanciais ajudas sempre que a isso são chamados.

Por tal motivo, e ainda porque membros da distinta família Magalhães, os seus inúmeros amigos aqui residentes felicitam o aniversariante e desejam-lhe que esta data se comemore por muitos e felizes anos, pedindo a Deus saúde para ele e para os seus, e com um abraço de todos um abraço sincero do amigo e conterrâneo

António de Sousa

Ainda este ano: Mais doze mil Portugueses na Alemanha Federal

«A emigração portuguesa é uma das que causa menos problemas às autoridades alemãs» — declara, entrevistado pelo vespertino «Diário de Lisboa», o director dos serviços de ligação com o estrangeiro do Instituto Federal do Trabalho, Wolfgang Dohmen, que se encontra em Portugal depois de haver participado em Madrid numa reunião de funcionários daqueles serviços.

«O problema da restrição à emigração de mão-de-obra estrangeira para a Alemanha Federal não se põe nos tempos mais próximos — confirma Wolfgang Dohmen, num novo desmentido a rumores que ultimamente têm corrido acerca da suspensão da entrada de trabalhadores estrangeiros naquele país.

Quanto à imigração clandestina Dohmen afirma que ela vai ser objecto, em futuro próximo, de medidas de maior controle da parte das autoridades alemãs.

Segundo aquele alto funcionário, deve elevar-se a doze mil o número de trabalhadores portugueses que os seus serviços esperam empregar, ainda este ano, na Alemanha Ocidental.

Dinheiro no colchão é levado por ladrão

Escondia setenta contos na palha de um colchão, em Vale de Rosa, Estoi, arredores de Faro, um casal de Mateus de Sousa Canadas e a mulher procediam à limpeza das alfaias agrícolas. Treze contos, em dólares, correspondiam a uma importância enviada por um filho do casal, residente nos Estados Unidos, e destinava-se às despesas com as propinas dos colégios onde estudam os netos do casal. Os outros 57 contos representavam as economias adquiridas por Mateus de Sousa.

Dinheiro no colchão é levado por ladrão — assim pensa, agora, o povo do Vale de Rosa, que começa a deslocar-se a Faro para depositar nos bancos os seus «pés de meia».

Telefone dos Serviços dos

Bombeiros V. Amares 62162

1.º Simpósio Nacional de Produção, Promoção e Vendas

Participação válida e destacada
do sr. dr. J. Pereira da Silva

(Continuação do número anterior)

Aqueles a quem por ventura repugne este *vago dirigismo* que preconiso, cedo se aperceberão que ele é indispensável pois para a modificação radical duma mentalidade generalizada não podemos ficar à mercê da voluntariedade do sector — isso levaria muitos anos em que as coisas iriam de mal a pior tanto para os produtores agrícolas como para os compradores.

Duma agricultura válida a curto prazo, resultará riqueza e ainda maior alegria para o povo que infelizmente quasi ainda não tomou o gosto pelas conquistas da ciência e da civilização.

A consecução deste objectivo que poderá parecer poético depende da tal reforma social que preconiso, e do poder de compra consequente à comercialização dos produtos agrícolas pelo lavrador produzidos... Reforma levada a cabo pelo Estado,, solvência derivada da adopção das melhores técnicas de produção e comercialização umas e outras estudadas e impostas sob a égide do nosso Estado.

É hoje do conhecimento que a empresa agrícola deve ter uma dimensão óptima que se situa entre os 15 e os 20 hectares, que tanto quanto possível a maquinaria deve substituir o trabalho braçal, que o empresário agrícola deve planear a curto e longo prazo, deve racionalizar as operações que integram o ciclo produtivo que deve em suma adoptar um tipo de gestão que, salvaguardadas as características das suas diferentes naturezas, deve ser idêntica à gestão adoptada na empresa industrial.

Só produzindo em boa quantidade, produtos de alta qualidade a baixo preço de custo, o agricultor como o industrial, poderá enriquecer a sua empresa e através dela concorrer para o enriquecimento da Nação.

Do que acabo de afirmar extairia as seguintes conclusões:

- 1.º O estado letárgico em que vive infelizmente a nossa agricultura decorre da atitude conformista do nosso lavrador perante a vida... da ausência total de participação, e da sua atávica aversão ao esforço intelectual.
- 2.º A reconversão agrícola deve assentar numa reconversão social do lavrador — *ou porque não dizer do povo* — através duma infusão de instrução e cultura, *rapidamente e em força* quasi como se tratasse de pôr termo a uma catástrofe.
- 3.º No termo dessa reforma, bem consciencializado da sua importância na formação dum *Estado ainda mais novo*. O homem passaria a ter orgulho em si mesmo e na nobreza da profissão que exerce e ele próprio buscaria já as melhores técnicas andando por si só rumo ao progresso e a um futuro melhor.
- 4.º Para além do muito que tem feito — através de todas as iniciativas que por serem do conhecimento de todos me escuso de enumerar — ao Estado compete proceder a esta urgente reforma social e cultural pois só através dela poderemos alcançar — mas, mesmo assim sabe-se lá quando — os nossos pares europeus.
- 5.º Mas que da sua dimensão — requisito sem dúvida importante no esquema da empresa agrícola — o seu êxito depende essencialmente das qualidades dos homens que a integram.
- 6.º Empresa e homem constituem uma íntima simbiose pois se aquela não é válida sem o homem válido este também não consegue realizar-se fora da empresa válida... válida nos seus quadros, válida na sua técnica, válida em suma nos seus resultados concretizados em bens produzidos e poder de compra alcançado.
- 7.º A agricultura, como a indústria, pode encher de legítimo orgulho aqueles que a exercem, se o homem se tornar receptivo à reforma e ele próprio tentar modificar, em si mesmo, aquilo que está errado.

A nossa causa e os imperialismos ávidos de — expansão —

(Continuado da 1.ª página)

a nós próprios e aos nossos irmãos de além-mar, brancos ou pretos, católicos ou muçulmanos: — massacres, devastações, sofrimentos, regressões calamitosas? E «negociar» (sinónimo, em tal caso, de «capitulação») com quem e porquê, se nenhuma «guerra colonial» mantemos, se estamos no terreno da legítima defesa, se nem será lícito falar em «rebelião de povos», se as nossas forças actuam para vigiar e repelir a força pela força, proporcionando aos habitantes a possibilidade de fazer normalmente a sua vida, apoiando a sua evolução e promoção social, garantindo o fomento e o progresso dos territórios? A resposta a estas perguntas não põe em embaraços qualquer consciência normal.

E aqui se insere — compreensivelmente — o apelo dirigido a «todos os africanos que, amando a sua terra, não a queiram ver destroçada, transformada em campo de batalha por ambiciosos imperialistas estrangeiros, utilizada para a confrontação dos que se debatem pela

conquista do Mundo. Quem desejará esse horror? Quem ficará indiferente perante as perspectivas de uma incalculável tragédia? Nem pretos, nem brancos, nem nenhum homem que, sendo de Africa ou estando a trabalhar em Africa e pela Africa, saiba olhar o horizonte e conhecer o significado «meteorológico» das nuvens que pairam no horizonte. Assim deveria suceder, desde a linha do Mediterrâneo até o Índico, desde a costa atlântica até o Mar Vermelho.

Por nós, temos agido — e continuamos a agir segundo a única via que se nos impõe como digna e justa: «A aceleração quanto possível da construção da sociedade multiracial por que lutamos». Porque, «perante o enorme desafio da história» há uma só palavra a dizer: *Unidade!* Temos de erguer e consolidar, neste mundo de divisões e de ódios, uma comunidade fraterna e harmoniosa. Unidos somos uma força! Mais ainda em casa própria e lutando por uma causa justa. Unidos podemos encarar com coragem o correr dos tempos e construir a vitória — unidos na vontade de tra-

balhar, de lutar e de vencer».

É o dique — o único dique capaz de impedir as catástrofes. E, para tanto, foi dito — em nome de tudo e de todos — aos «portugueses africanos cultos que estão no estrangeiro» e «amem a sua terra» e a quantos tenham andado (ou andem) extraviados por movimentos extremistas, que há lugar para eles, na obra em prol do comum, que queremos construir com eles — e que, nesta sociedade por nós criada, todos os homens têm os mesmos direitos, independentemente da cor da pele, e os lugares de direcção são atribuídos em função da capacidade de cada um para os exercer».

Haverá quem não saiba distinguir qual é o caminho — e que esse caminho está aberto na sua frente?

A. L.

FALECIMENTO

Severino Dias Ribeiro

No passado dia 31, faleceu na sua residência na Ponte do Porto o sr. Severino Dias Ribeiro (Severino Ferrador), casado com a sra. D. Maria da Conceição da Silva.

Era pai do nosso assinante sr. Manuel José da Silva (industrial de moagens).

Foi sepultado no cemitério de Prozelos no dia 2, tendo o seu funeral acompanhado numeroso por pessoas de todas as categorias sociais o que prova o respeito em que o falecido era tido e a consideração e estima da numerosa e trabalhadora família entulada.

Tribuna Livre apresenta sentidos pêsames a toda a família do extinto, especialmente ao seu assinante sr. Manuel e seus filhos António e Alberto.

As possibilidades do Brasil nos mercados ultramarinos portugueses

(Continuado da 1.ª página)

experiências do empresariado brasileiro. E, como todos sabemos, existem, para lá de alguns aspectos concorrências das economias, possibilidades esplêndidas para se fazerem negócios. Ainda agora se concluíram com êxito, alguns contactos para a venda de gado bovino. Parece-me, entretanto, que falta certa «agressividade» na condução das ofertas. O exemplo está na possível venda de aparelhos electro-domésticos. Ficamos no namoro — e de repente o japonês entra com o seu product. Depois vai ser difícil concorrer com ele. Poderíamos ainda citar a compra do petróleo de Cabinda — que nunca se fez por causa do teor parafínico. Mas talvez seja no campo dos investimentos e na exportação de «know-how» que possamos agir com maior desenvoltura. Sobretudo em Angola há uma acentuada carência de capitais dispostos a acelerar o processo de industrialização. E é uma pena que apesar de sermos um país recipiente de capitais estrangeiros não possamos, de nossa parte, fazer investimentos numa região onde encontramos tantas afinidades e que bem poderia ser a plataforma ideal para a conquista de outros mercados da Africa.

«De qualquer modo — acrescenta — encontramos em Angola e Moçambique forte interesse e uma visível disposição pelo estreitamento das relações comerciais com o Brasil. Talvez a próxima abertura de entrepostos e a formação de «trading companies» possam vir a deflagrar esse movimento».

Humorismo na história

Os deputados de Marselha quiseram fazer um discurso ao rei Henrique IV, num dia em que ele visitou a cidade, e começaram deste modo:

— Aníbal, partindo de Cartago...

A estas palavras o príncipe interrompeu-os, dizendo:

— Aníbal, quando partiu de Cartago, tinha jantado e eu vou fazer o mesmo!

TRIBUNA LIVRE

A Redacção deste «Semanário» pede a todos os ilustres colaboradores o favor de enviarem as suas notícias e artigos até à quarta-feira.

A Redacção